



VI ENCONTRO
“TRADUÇÃO DOS
CLÁSSICOS NO
BRASIL” – 2020
27 E 28 DE NOVEMBRO

“Reconstrução criativa do *arquitexto*: a tradução e os gêneros literários da Antiguidade”

PROGRAMA

Sexta-feira, 27 de novembro:

14h - Abertura: Marcelo Tápia (CGA/ USP)

Palestra: João Angelo Oliva Neto (USP):

“Marcas de gênero na poesia antiga: problemas de tradução”

Poemas de gêneros da poesia antiga grega e romana como o epos e a elegia são escritos apenas em determinados metros, como, respectivamente, o hexâmetro datílico e o dístico elegíaco. Bem por isso, de certa maneira, nesses casos o metro é uma das marcas deste gêneros. No entanto, na história da poesia em português não apenas o epos não é composto apenas num metro exclusivo, senão também que a própria existência da elegia como gênero bem definido é problemática, não menos do que é escolher o metro que em português poderia ser a sua marca. Na apresentação pretendo discutir e aprofundar estas questões, ainda mais problemáticas na poética contemporânea em que nem sequer o metro é elemento obrigatório.

15h - Mesa de apresentação e discussão:

Com Christian Werner (USP), Giuliana Ragusa (USP) e Rafael Brunhara (UFRGS)

Christian Werner (USP): **“Homero e Hesíodo: gêneros distintos (em tradução)”**

Partindo de algumas formas como os antigos diferenciaram a dicção dos dois poetas épicos, sobretudo no que redundou, grosso modo, na caracterização de uma “voz hesiódica” (Richard Hunter) e na recepção de Homero como “sublime” por excelência (Pseudo-Longino), utilizo os dois trechos que o autor do Certame de Homero e

Hesíodo (traduzido por Jaa Torrano no volume 9 da revista *Letras clássicas*) seleciona para finalizar a disputa a favor de Hesíodo a fim de discutir como tais diferenças genéricas são recuperadas em traduções brasileiras, publicadas e inéditas, da *Ilíada* e de *Trabalhos e dias*.

Giuliana Ragusa: "**A mélica grega arcaica e sua tradução: desafios, problemas, escolhas**"

Ao percorrer alguns dos poetas da mélica grega arcaica, tratarei de desafios e problemas de natureza variada, que se oferecem à tradução: a notável concisão imagética e capacidade de combinação em amálgamas da língua; a precariedade os textos fragmentários; as corrupções, emendas e suplementações nas edições; as lacunas. Ao mesmo tempo, no contexto presente de tão positivo incremento de traduções e de maneiras diversas de realizá-las, tratarei da proposta e das escolhas que têm pautado este trabalho que é parte de meu engajamento com a mélica e suas canções, e de meu empenho em colaborar, junto aos demais tradutores, para disponibilizá-la, em formas várias, aos leitores que a queriam ouvir.

Rafael Brunhara: "**O tradutor benemérito: a poesia grega de Péricles Eugênio da Silva Ramos**"

Dando continuidade ao trabalho que iniciamos alhures de inventariar toda a poesia lírica grega traduzida no Brasil (2018), esta exposição busca traçar um breve panorama da obra *Poesia grega e latina* (Cultrix, 1964), única incursão do poeta paulista Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992) nas letras gregas, bem como analisar suas propostas e critérios de tradução, visando assim contribuir para uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil.

17h - Mesa de apresentação e discussão

Com Brunno V. G. Vieira (UNESP), Raimundo Carvalho (UFES) e Rodrigo Bravo (FSM)

Brunno V. G. Vieira: "**À humana cabeça (*Humano capiti*) de Horácio (*Ars* 1-5): decifrar-devorar-traduzir**"

Na abertura da *Arte poética* ou melhor no seu proêmio, Horácio assenta sua esfinge, aquela antropozoomórfica figura, cubista *avant la lettre*, sem unidade nem piedade. Se o significado da imagem que as palavras formam pode se deixar interpretar a partir da tradição da poesia hexamétrica, resta a grande dificuldade de uma transposição vernácula que faça jus ao investimento poético ali engendrado. Esta fala pretende apresentar uma tradução da *Arte poética* que fiz em parceria com Leandro Dorval Cardoso (e que se encontra no prelo), mas também elaborar em palavras a dificuldade de se traduzir aquilo que se propõe um desafio ao discernimento.

Raimundo Carvalho: “A peste de Egina: Metamorfoses VII, 528-613”

As *Metamorfoses* de Ovídio, obra monumental de quase doze mil versos, compõem-se de um emaranhado de histórias que vão do início mítico dos tempos até o tempo histórico do poeta que a enuncia como um *carmen perpetuum*. Isto é, um canto contínuo, estruturado em uma complexa organização de gêneros textuais variados que reforçam, no plano da expressão, o caráter metamórfico da matéria cantada. Na tradução do trecho escolhido, pretendemos realçar essa íntima conexão entre planos de expressão e de conteúdo, observando as características do gênero empregado, porque disso resulta uma melhor compreensão e uma melhor apreensão do sentido geral da obra.

Rodrigo Bravo: “Reflexões sobre a tradução do Hino Homérico V – a Afrodite”

Esta apresentação tem por objetivo discutir os critérios empregados na tradução do Hino Homérico V, dedicado à deusa Afrodite, do grego antigo para a língua portuguesa. Neste projeto de tradução, a integração de conhecimentos e estratégias oriundos dos campos da linguística, das artes cênicas, da filologia e da filosofia da linguagem – sobretudo as contribuições de Ernst Cassirer e Jaa Torrano para a compreensão do fenômeno humano denominado pensamento mítico, e de Gérard Genette para o mapeamento da lógica estrutural dos discursos – foi o que possibilitou sua realização. Deseja-se argumentar, por meio da exposição teórica e da leitura performática do texto traduzido, como a consideração de dados para além do plano de conteúdo e da semântica lexical na tarefa tradutória pode não somente aumentar sua eficácia, mas também fornecer panorama mais completo para a compreensão, por parte do público contemporâneo, do contexto, do estilo de composição e dos sentidos encaminhados no texto traduzido.

Sábado, 28 de novembro:

10h - Mesa de apresentação e discussão

Com Adriane da Silva Duarte (USP), André Malta (USP) e Jaa Torrano (USP)

Adriane da Silva Duarte: “O parto difícil: Anne Carson traduz *Antígone*”

Em 2012, a poeta e ensaísta canadense Anne Carson empreendeu uma tradução radical da *Antígone* sofocleana, intitulada *antigonik*. Três anos depois, apresentou uma nova tradução por solicitação do diretor Ivo van Hove, com o propósito de encenar a tragédia em circuito comercial europeu e americano (*Antígone*, 2015). Essa comunicação tem por objetivo comparar as duas versões e seus respectivos paratextos, uma vez que a tradutora antepõe à tradução reflexões e comentários que nortearam sua prática, considerando os diferentes contextos em que elas se inserem.

André Malta: “Uma poética da tradução para Platão”

Vou falar sobre os critérios principais que adoto para traduzir o gênero “diálogo socrático”, tal como ele foi praticado por Platão. O objetivo é desafiar a visão corrente do texto platônico como algo uniforme e elevado: uma forma pasteurizada que, nas versões para as línguas modernas, anda de braços dados com um propósito basicamente conteudista. Mesmo com a atenção cada vez maior dada ao aspecto literário na abordagem dos “Diálogos”, vou defender que ainda falta transmitir aos leitores sua riqueza estilística através das traduções.

Jaa Torrano: “Tradução de tragédia: acribia e forma inteligível”

Esta apresentação buscará explicar o sentido funcional e mostrar a função semântica da acribia e da forma inteligível na tradução da tragédia, exemplificando-os e justificando-os com excertos traduzidos de *Édipo em Colono* de Sófocles.

14h - Mesa de apresentação e discussão

Com Ana Cláudia Romano Ribeiro (UNIFESP), Juliana Di Fiori Pondian e Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)

Ana Cláudia Romano Ribeiro: “Traduzindo ritmos gráficos da página: alguns aspectos da experiência de reconstrução criativa da *Utopia* de Thomas More”

Salles, em sua *Introdução à crítica genética* (1992, p. 20-21), cita alguns autores que, assim como os geneticistas, exprimem uma valorização do processo de criação, mais do que do resultado final: o “estudo preciso do processo de fabricação” de uma obra – é aí que, segundo Maiakóvski, reside a essência do trabalho literário, na execução (Valéry), no “processo de realização” (Braque), nos “rascunhos obsessivos” (Ponge), que lançam luz sobre “as várias fases do tratamento de uma ideia”, a “série de aproximações” necessárias para se fazer uma obra (cf. Calvino).

Assumindo, com Haroldo de Campos, o pressuposto da tradução como criação e crítica, bem como sua multidimensionalidade, apresentamos e discutimos nesta comunicação uma parte do processo de reconstrução criativa da *Utopia* de Thomas More: a percepção das figuras de repetição (de terminações, vocábulos, raízes etc) enquanto mancha gráfica na página e enquanto parte estruturante da prosa moreana. A identificação visual das repetições resultou na percepção de certo ritmo, que nossa tradução procurou reproduzir na letra e que se quer perceptível na leitura em voz alta.

Juliana Di Fiori Pondian: “Resolvendo enigmas: tradução e edição de Τεχνοπαίγνια”

Deu-se o nome Τεχνοπαίγνια (*Tekhnopaígnia*) a seis poemas encontrados na tradição literária grega, transmitidos ao longo do tempo como os primeiros

exemplares de poesia visual no Ocidente. Os poemas fazem parte do período helenístico e surgem num contexto de experimentação e renovação na literatura e nas artes; são todos, de certa forma, o que se costumou chamar em nosso tempo “poemas icônicos”, cujos contornos produzidos pela disposição dos versos reproduzem visualmente o tema/objeto de que tratam. Por isso, foram inseridos na linha sucessória da poesia como precursores da poesia visual e das formas bizarras. Serão apresentadas as características desses poemas e o minigênero que eles compõem, e algumas propostas para sua tradução a partir do conceito, em desenvolvimento, de tradução material (Pondian, 2018), um tipo de tradução que considera os elementos paratextuais (Genette, 2009) como traduzíveis e passíveis de compor o texto final na língua de chegada, considerando-se parâmetros editoriais como parte do projeto tradutório.

Rodrigo Tadeu Gonçalves: **“Um Lucrécio para o século XXI”**

Embora alguns críticos afirmem que hexâmetros datílicos em línguas modernas são impossíveis, nesta apresentação relato a aventura de seis anos para trazer o poema de Lucrécio ao português em uma forma análoga aos hexâmetros datílicos latinos. Reflito aqui sobre a natureza do resultado, a dificuldade da empreitada, a pobreza da língua paterna e o fluxo poético que (se) reescreve (de Epicuro a) Lucrécio hoje, num Brasil cada vez mais necessitado de tranquilidade da alma e ausência de dor e sofrimento, estados talvez (um pouco menos im)possíveis através da contemplação da natureza e suas causas pela poesia.

16h - Mesa de apresentação e discussão

Com Guilherme Gontijo Flores (UFPR) e Leonardo Antunes (UFRGS)

Guilherme Gontijo Flores: **“Entre tempos e amores: sobre a linguagem tradutória para Safo e poemas anônimos do Antigo Egito”**

Buscarei apresentar algumas soluções de linguagem para capturar o efeito cantabile da literatura do corpus atribuído à poeta grega Safo de Lesbos (ca. 600 a.C.) e ao corpus anônimo de poemas amorosos do Antigo Egito (ca. 1200-1100 a.C.), traduções que realizei em dois momentos diferentes porém razoavelmente próximos. Apesar de estarem em duas línguas diferentes, e com tradições bastante diversas, para além das línguas e das fórmulas musicais e métricas, é possível pensar aproximações numa escolha do linguajar poético em língua portuguesa, assim inventando retroativamente uma língua cancional do amor no mundo antigo.

Leonardo Antunes: "I know who I am: I'm the dude playing a dude disguised as another dude"

Considerando as dificuldades de definir conceitualmente os limites entre tradução & adaptação, recepção & apropriação, interpretação & criação, apresentarei algumas reflexões que tenho feito ao longo dos anos a partir de falas e textos de mestres e colegas nos contextos da tradução, recriação, estudo e interpretação dos gêneros clássicos.

17h30 - Recital

Abertura: Companhia de Teatro Vento Áureo: Louvor às Deusas – recitação performática de cinco hinos homéricos dedicados a divindades femininas do panteão grego.

Prelúdio musical: Hinos Homéricos 25 e 14, às Musas e a Reia (em grego e português, por Rodrigo Bravo e Ravenna Veiga).

Hinos Homéricos 27, 28 e 30, a Ártemis, Atena e à Terra (em português, por Maria Vitória Siviero).

Direção e tradução: Rodrigo Bravo.

Leituras / performances de: Guilherme Gontijo Flores, Leonardo Antunes, Marcelo Tápia e Rodrigo Tadeu Gonçalves.

Pré-lançamento do livro *Týkhe – Poesia 2020*, de Marcelo Tápia

Com leitura de poemas pelo autor e por convidados.

O evento será realizado online via Google Meet

Inscrições em: <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/programacao/ver-programacao.php?idprogramacao=1184&iddata=4582>

poiesis
gestão cultural


CASA GUILHERME DE ALMEIDA


SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de
Cultura e Economia Criativa